

A descaracterização do forró influenciada pela indústria cultural através das bandas de forró

André Luiz da Silva¹

Resumo

O presente artigo faz uma abordagem sobre o forró desde seu perfil historiográfico e os seus principais representantes além de um estudo sobre cultura popular e o forró como um elemento de divulgação da cultura do nordeste onde serão apresentadas as ramificações do forró surgidas no início dos anos 90 após a febre da lambada, o que fez com que o estilo sofresse várias ramificações e absorvesse a cultura e as características peculiares de cada parte do Brasil. No final será analisado o objeto de estudo deste artigo que é a indústria cultural, alicerce das bandas de forró que utiliza uma das maiores mídias, o rádio, para transformar o forró, um elemento da cultura popular nordestina, em um produto da indústria de diversão.

Palavras chave: Cultura nordestina. Forró. Indústria cultural.

Introdução

As bandas de forró a partir dos anos 90 invadiram definitivamente o mercado fonográfico no Brasil com uma maior força e representatividade no nordeste, região criadora e maior mercado consumidor deste gênero, para depois se espalharem por todo o país.

O forró é uma expressão da cultura nordestina, mas até que ponto as bandas de forró representam a cultura do nordeste?

Movidas pela indústria cultural que representa o entretenimento, o consumo e o capitalismo, estas bandas criam um grande contraponto entre o verdadeiro forró cantado e defendido pelos mestres Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro e outros artistas que em suas letras cantavam (e cantam) e retratavam (e retratam) a cultura do povo nordestino, e o forró que é executado por estas bandas que em suas apresentações trazem um repertório de músicas com grande apelo sexual e de gosto duvidoso.

As mídias estratégicas mercadológicas dos empresários de bandas de forró ditam as “bandas conhecidas” entre o público, promovendo a rotatividade dos ditos “sucessos” e os bombardeiam descaracterizando o forró transformando-o em um produto mercadológico e sem nenhum compromisso com representatividade cultural, o que será amplamente mostrado neste artigo.

¹ Bacharel em comunicação social. Aluno do curso de extensão em língua estrangeira.
E-mail: andrejuliaocg@yahoo.com.br

Forró: a origem do ritmo

A origem do nome forró vem de *For All*, que quer dizer “para todos” em inglês, mas segundo Cascudo (1998), a palavra vem do africano “forrobodó”, como um sinônimo de bagunça, baile popular, o que desde o século XVII já era falado antes dos ingleses construírem as suas ferrovias.

Com a inauguração da primeira estrada de ferro no interior de Pernambuco pela companhia inglesa Great Western, foi realizado um baile ao som de sanfona, triângulo e zabumba para a comemoração do acontecimento promovido pela própria empresa que convidava a todos através dos dizeres fixados em cartazes na entrada: “For All”, para todos, a partir daí passaram a chamar os bailes populares de forró.

Nascido de influências européias e africanas na música brasileira o forró como estilo musical originou-se do baião uma dança e canto típico do nordeste. Inicialmente era o nome de uma festa onde animada com muitas danças e melodias tocadas em violas. Este gênero musical, que era restrito ao sertão nordestino, passou a ser conhecido em todo o Brasil por intermédio do cantor e sanfoneiro pernambucano Luiz Gonzaga, que passou a tocar o baião com sanfona, zabumba e triângulo, inserindo arranjos, letra e toda a orquestração sertaneja, criando e difundindo o baião como música inteira.

Devido a sua riqueza de elementos o forró ganhou diversas variações de ritmos por todo o Brasil, ritmos estes que têm suas referências tanto nos salões aristocráticos da alta regência do século XIX, como o xote, quanto do início da década de 20 e outro ritmo que nasceu entre a caatinga e o calor do sertão pernambucano: o xaxado. Todos estes ritmos se modificaram com o passar dos anos até chegarem a 1941, ano em que o sanfoneiro pernambucano Luiz Gonzaga popularizou o ritmo gravando a primeira música de forró chamada *Baião*.

Luiz Gonzaga e Jackson do pandeiro: os principais representantes do forró

Falar em forró é falar em Luiz Gonzaga, uma verdadeira bandeira deste estilo. Pernambucano de Exu, cidade quase na divisa com o Ceará, ele é autor dos maiores sucessos do forró. Luiz Gonzaga logo cedo teve contato com a sanfona. É uma das figuras mais populares da década de 50 e até hoje ouvimos suas músicas com saudade e admiração. Já rapaz foi morar no Ceará e foi recruta na Revolução de 1930, trabalhou em Minas Gerais e depois foi para São Paulo em busca de oportunidades melhores. O seu primeiro disco foi lançado em 1941 iniciando uma série que superou os setenta.

No início de sua carreira durante suas apresentações Luiz Gonzaga usava sempre o chapéu de couro e roupa de cangaceiro, um visual que fez parte do show e que de início fez com que ele sofresse preconceito por parte da direção da rádio Nacional do Rio de Janeiro onde sempre se apresentava cantando músicas de forró que fizeram com que ele se tornasse popular junto ao público ouvinte da rádio.

As músicas cantadas por Luiz Gonzaga foram feitas em parceria com Humberto Teixeira e Zé Dantas. As músicas o consagraram como o “Rei do Baião”, numa referência ao ritmo cantado por Luiz Gonzaga e aos sucessos gravados pelo artista que se tornaram sucessos do forró como: *Paraíba, Juazeiro, baião de dois, Que nem jiló, dança da moda, asa branca, sala de reboco, o xotís das meninas, vozes da seca* (a primeira música de protesto), músicas que caíram no gosto popular.

Outra figura chave como referência do forró é Jackson do Pandeiro, conhecido como o “Rei do Ritmo” devido a seu recurso vocálico que improvisava melodias ao cantar.

Jackson do pandeiro era paraibano da cidade de Lagoa Grande. O artista veio morar para a cidade de campina Grande ainda jovem, aonde chegou para trabalhar como ajudante de padeiro para depois começar a tocar pandeiro nas ruas da cidade e nos programas de auditório das rádios locais. Considerado o primeiro artista pop brasileiro e o maior ritmista da história da música popular brasileira a história da sua carreira artística reforça a herança da influência negra na música nordestina, sempre com o auxílio de um luxuoso pandeiro na mão e dono de um recurso vocálico único. Ele conseguia dividir seus vocais como nenhum outro cantor na música popular brasileira.

O maior mérito de Jackson do pandeiro foi ter levado toda a riqueza dos cantadores de feiras livres do nordeste para o rádio e a televisão, cantando músicas como *chiclete com banana*, *Alô Alô Campina Grande*, *a cantiga do sapo*, *o canto da ema* e outras músicas de sua autoria que fizeram de Jackson do Pandeiro um divulgador do forró cantando coco por todo o Brasil.

O coco é dança de roda do norte e nordeste do Brasil, fusão da musicalidade negra e cabocla. Acredita-se que tenha nascido nas praias, daí sua designação. O ritmo sofreu várias alterações com o aparecimento do baião nas caatingas e agreste.

O sucesso de Jackson do pandeiro junto ao público derrubou o preconceito contra o forró fazendo com que ele ganhasse um programa na rádio Globo do Rio de Janeiro, isto na década de 70. Neste programa Jackson do pandeiro dava oportunidade para que artistas nordestinos se apresentassem cantando forró.

O forró como um elemento expoente da cultura nordestina

A cultura popular se expressa nas manifestações populares, onde os seus participantes se reconhecem mutuamente em sua humanidade e condições sociais marcando distância e proximidade com outras expressões culturais, distinguindo-se pelo conjunto disperso de práticas e representações.

Seus formadores têm uma consciência lógica própria, como resistência a imposição de uma cultura dominante inteiramente explorada pela indústria cultural através da mídia que mostra a cultura popular como um espetáculo, por intermédio de festas como: o carnaval, os festejos de São João, o festival de Parintins, onde a cultura popular é incorporada aos meios de massa nas transmissões com modificações para que o popular se transforme em nacional junto ao público telespectador.

Desta forma, politicamente, a cultura popular seria a afirmação da identidade nacional contra o invasor estrangeiro imposto pela mídia tornando-se o alicerce do nacionalismo emergente porque traz em sua essência uma cultura autêntica, sem contaminação, sem contato com a cultura oficial.

As culturas populares são culturas vivas, diárias e naturais, compreendem o artesanato, indústrias caseiras e tudo aquilo que é manipulado, tendo como principais traços o primitivismo, preservando as tradições, o comunitarismo, o anonimato e a coletividade das criações espontâneas da natureza, além do purismo, onde o povo é o agente dessa cultura e não sofre influência do capitalismo.

O nordeste é rico em cultura. Cultura esta que se manifesta nos nove estados da região através do folclore e do artesanato com suas rendas de bilros e cerâmicas, suas

formas mais tradicionais que tiveram origem na cultura negra e indígena. É a região brasileira que abriga o maior número de patrimônios culturais da humanidade com destaque para os conjuntos arquitetônicos de capitais como Salvador, Recife, São Luiz, e da cidade de Olinda na região metropolitana do Recife.

Estudando a questão do folclore Bossi (1986, p 63) afirma que:

O folclore consiste em uma educação informal que orienta e revigora comportamentos, faz participar de crenças e valores e perpetua um universo simbólico. Quando as condições de vida sociais são ameaçadas o folclore entra em crise. Quando a cultura popular entra em crise, o homem sai do seu papel de criador e renovador de cultura para consumidor.

O folclore, que é o estudo das tradições populares representadas nas brincadeiras de rodas, jogos infantis, comidas típicas, ditos, provérbios, crendices, danças, festejos populares, tudo o que não tem criação individual. O folclore manifesta a cultura de maneira espontânea e tem como característica principal a produção do efeito físico no sentido predominantemente estético.

O folclore inclui objetos e artefatos executados manualmente por uma pessoa ou por um grupo de pessoas, trazendo em si marcas de uma cultura determinada, atestando a ligação do homem com o meio social em que vive.

A maior expressão do folclore nordestino é o folguedo popular bumba-meu-boi um drama pastoril ligado a forma de teatro hierárquico das festas de Natal que foi absorvido por outras regiões do Brasil, recebendo denominações como boi-calembá e boi-de-mamão.

Sua principal significação estética e social traz na apresentação o sentido da vida, morte e a ressurreição do boi, principal elemento do enredo. A encenação é composta ainda por personagens humanos, outros animais e figuras do imaginário popular como os fantásticos, que são os personagens populares que fazem parte da cultura de uma determinada região como, o curupira, o boto, característicos da região amazônica.

Os jogos também expressam a cultura nordestina constituindo uma forma de divertimento popular, demonstrando força e agilidade estabelecendo formas rudes e primitivas de recreação, sendo praticadas somente nos ambientes de suas origens como.

Um destes esportes é o bate-coxa que alia força e resistência, onde dois lutadores nus da cintura para cima apóiam as mãos nos ombros do outro e unem peito com peito, em torno dos 2 jogadores colocam-se, os assistentes que cantam músicas de acompanhamento onde se repete a frase “Eh boi”.

Cada vez que a frase é entoada, um dos contentadores acerta a coxa a cada entonação da frase. A luta termina quando um dos contentadores vai ao chão. Este esporte é praticado em Alagoas sendo de origem africana como a capoeira que surgiu no nordeste e depois se difundiu por todo o Brasil.

A capoeira é um balé popular, um jogo que exige muita agilidade, é formado por um círculo de participantes dos quais 2 vão para o centro a fim de mostrar a suas capacidades, o ritmo é marcado pelo berimbau, instrumento bastante presente na cultura nordestina.

De início a capoeira era usada pelos escravos negros como forma de defesa contra os seus perseguidores passando a ser usada por guarda-costas de políticos que

incluíam o emprego de navalhas para depois se transformar em um esporte de agilidade para, ao lado da vaquejada, se tornar um dos esportes mais populares do nordeste. Os vaqueiros mostram como fazem na lida do gado e tentam derrubar o boi em movimento.

A vaquejada que na década de 40 era conhecida como corrida de mourão é difundida principalmente no interior da região, onde existem competições com calendários e patrocinadores que tornam o esporte cada vez mais popular.

Ao lado dos esportes as danças estão presentes na cultura nordestina e representam de forma original toda a influência negra, indígena e européia existentes na região. Nas festas carnavalescas estas danças representam manifestações folclóricas como o maracatu.

O maracatu aparece no carnaval com reis, príncipes e embaixadores vestidos com fantasias de luxo. Foi na origem um cortejo religioso nas portas das igrejas onde eram coroados reis e rainhas, muitas vezes eram soberanos de verdade. Reis e Rainhas africanos que foram aprisionados e vieram para o Brasil na condição de escravos.

O maracatu era praticado na coroação de reis negros no Brasil Império, a ciranda, típica do litoral pernambucano e o frevo, uma dança popular que pode ter nascido da capoeira devido os movimentos rápidos, são todos símbolos do carnaval pernambucano, o mais folclórico dos carnavais brasileiros.

Além da influência africana existentes nas danças do folclore nordestino, há também a presença indígena. É o caso da dança dos caboclinhos que são grupos fantasiados de índios que relembram a velha dança dos curumins, uma tribo indígena eu habitava o Nordeste.

No carnaval os grupos de caboclinhos se apresentam nas ruas em rápidos movimentos levantando-se e abaixando-se, avançando e recuando, simulando ataques e defesas.

O folclore manifesta a cultura de maneira espontânea, tem como característica principal à produção do efeito físico no sentido predominantemente estético inclui objetos e artefatos executados manualmente por uma pessoa ou por um grupo de pessoas trazendo em si marcas de uma cultura determinada, atestando a ligação do homem com o meio social em que vive.

Esta ligação pode ser identificada através das maiores expressões da cultura nordestina que são as festas em homenagem a São João. Festas que são movidas pelo ritmo mais expoente da cultura da região; o forró.

Dentre as tradições de origem portuguesa estão os festejos juninos que embora sejam em louvor a São João, Santo Antônio e São Pedro são anteriores a formação do cristianismo no hemisfério Norte.

No dia 24 de junho (dia de São João) é comemorada a entrada do verão, o início das colheitas os lavradores comemoram a data com fogueiras para afastar os maus espíritos causadores de pragas.

As festas juninas são as mais propagadas no nordeste, principalmente no interior da região, com destaque para os festejos juninos das cidades de Campina Grande na Paraíba e Caruaru em Pernambuco.

“As festas juninas se juntam a uma tradição vinda da França: a quadrilha. A quadrilha era dançada pelos nobres do Brasil Império”. (HERMIDA, 1986, p 112),

Estas festas se espalharam por todo o Brasil através de um estilo que é uma expressão da cultura nordestina em toda a sua essência, nas letras das músicas, e na dança, um é o espelho da alma do nordestino: o forró.

As ramificações do forró

Cada região brasileira traz em suas manifestações populares referências africanas como ocorre na Bahia, indígena mais forte no Norte do país e européia no sul e sudeste brasileiro.

Estas referências estão ligadas a fatores sócio-econômicos, tendo pontos na história brasileira que teve em cada um de seus ciclos um produto específico como o pau-brasil, utilizando o índio como mão-de-obra, o açúcar, com a vinda de escravos negros da África para o Brasil e o café, que tinha como mão-de-obra os imigrantes europeus.

Cada um desses povos foi ocupando faixas diferentes do território, exceto o índio que já era nativo do Brasil, e com suas culturas diferenciaram as regiões brasileiras, uma diversidade cultural onde o forró, ao ser ramificado, absorveu cada característica peculiar de uma determinada parte do Brasil.

As ramificações do forró surgiram principalmente após a febre da lambada no fim dos anos 80 e início dos anos 90.

Esta febre fez surgir ritmos como: o bate-bate na Paraíba, o valsadão no Ceará, o chameguinho e galopinho em Brasília, o arrocha e o cacau na Bahia, o *oxente music* ou forró estilizado em Fortaleza, o forró-brega no Pará, o forró universitário” em São Paulo, o vaneirão no Rio Grande do Sul e atualmente o forró-sertanejo, surgido no interior de São Paulo, um tipo de forró que tem como público consumidor os jovens universitários.

Todos estes estilos que trazem a cultura de cada Estado nas letras e danças e tem como principal público consumidor os jovens que são envolvidos pelas estratégias mercadológicas da indústria cultural.

Forró estilizado: Um produto da indústria cultural

Um dos estilos mais populares dentre as ramificações do forró é o *oxente music* ou forró estilizado, mais popularmente o forró das bandas. Uma junção de teclado, guitarra e instrumentos eletrônicos aliados ao forró tradicional que era tocado por sanfona, zabumba e triângulo. O forró estilizado nasceu em Fortaleza e ao ser criado contou com a participação de vários compositores cearenses que deram origem ao surgimento das bandas de forró.

O forró estilizado tem na indústria cultural o seu maior suporte, uma indústria que descaracteriza o forró, oferecendo para o público ouvinte um produto sem referência cultural e que promove deturpação e degradação do gosto popular.

Segundo (COELHO, 1995, p. 11) “A cultura feita em série, industrialmente para o grande número de ouvintes passa a ser vista não como um instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro”.

O modelo das bandas de forró criado pelo empresário Emanuel Gurgel no início da década de 90. O empresário era dono de uma fabriqueta de camisetas e passou a investir e trabalhar com bandas de forró. Emanuel Gurgel atingiu o sucesso montando uma verdadeira empresa de forró chamada Soomzom. A rede Somzom integra os seguintes segmentos: A rádio Somzom Sat, Somzom Studio, editora Passaré, fábrica de

Amplificadores Mastruz com Leite, Zoom produções, uma casa de shows de forró além de um parque de vaquejada.

A rádio Soom Zoom Sat é uma estratégia empresarial baseada na força do meio o rádio, utilizando elementos da cultura popular nordestina e da mais alta tecnologia via satélite com som digital tocando músicas 24 horas por dia em programas que trazem em seus conteúdos a regionalidade nordestina com linguagem coloquial e humorística.

O modelo de Emanuel Gurgel foi rapidamente copiado por outros empresários da região nordeste e de outros estados do Brasil, um modelo que tem como principal impulsionador para a divulgação de suas bandas junto ao público ouvinte utilizando-se do rádio, em especial a Rede Som Zoom Sat, que tem na rádio do grupo seu principal veículo.

Você pode dizer que existe um mercado consumidor desse tipo de forró, e que por relação faz com que ele aconteça. É verdade o mercado até existe, mas ele é fabricado, ele é uma imposição da indústria cultural que move estas bandas.

A indústria cultural cria um modelo para ser consumidos pela massa que para não se entediar com os mesmos elementos existentes nas bandas de forró são bombardeadas com a rotatividade dos ditos “sucessos” delas próprias.

Este processo funciona como de roda gigante, onde mudam os atores desse produto, o que não muda é o conteúdo..

A estratégia criada pelos empresários dá uma idéia junto ao público da necessidade da criação de um sucesso atribuído ao surgimento de uma nova banda, residindo à força do acordo das necessidades criadas.

Considerações finais

A indústria cultural que divulga o forró estilizado que nasceu a partir do surgimento da banda cearense Mastruz com Leite.

Este “sucesso” fabricado tem suporte através da força da mídia, através do rádio, com todos os traços do capitalismo, onde o forró, antes uma representação da cultura nordestina, é degradado para tornar-se uma cultura mais simplificada e perecível, transformando-se num produto da indústria de diversão.

Para Lima (1992, p.179)

A arte adaptada pela indústria cultural, levada a preços reduzidos a um público resultante, torna o seu uso acessível, não significando a introdução da massa num domínio já antes fechado, apenas contribui para a degradação da cultura.

Sobre este pensamento o forró mantendo distância da indústria a cultural não sofre degradação nem descaracterização. Uma distância que é defendida pelos forrozeiros defensores do autentico forró de Luiz Gonzaga e de Jackson do pandeiro e de outros divulgadores do forró como: trio nordestino, Marinês, Eline Julião, Antonio Barros, Genival Lacerda e outros grandes artistas do forró que cantavam e cantam a cultura do nordeste através do forró.

A indústria cultural adaptou o forró transformando-o no forró das bandas o levando a preços reduzidos para um público resultante, o que o torna acessível, não significando a introdução da massa num domínio já antes fechado, mas apenas contribuindo para a degradação da cultura, descaracterizando o forró e transformando um elemento de representatividade cultural de um povo formador da nação brasileira em um produto mercantil e paradoxal.

Referências

CASCUDO, Luis da Câmara. **Seleta, Organizações, Notas e Estudos de Américo**

COELHO, Teixeira. **O Que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

HERMIDA, Borges. **O Interessante Estudo do Folclore: História do Brasil**. 8. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos Meios as Mediações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

MELO, José Marques de. **A Esfinge Midiática**. São Paulo: Editora: Paulus, 2004.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense 2000.

PHAELANTE, Renato. **Forró: Identidade Nordestina**, Fundação Joaquim Nabuco (Instituto de Pesquisas Sociais/Departamento de Antropologia). Recife – PE Brasil, Set/Out de 1995.

Ciberliteratura:

www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/baiiao.htm

www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/forro.htm

www.brasilfolclore.hpg.ig.com.br/xaxado.htm

www.canalvaquejada.com.br

www.forrozaria.com.ig.com.br/oforro/miadale.htm

www.portaldoforro.com.br/historia.htm

www.somzoomsat.com